

SANTIAGO : HASTA EL CENTRO POR EL BORDE

Nuno Godolphim

Estas fotos fazem parte do *corpus* de uma exposição que documenta 10 anos da população do centro velho de Santiago de Chile, trazendo um panorama da evolução do comportamento urbano desta região desde o final do governo Pinochet até a virada do milênio.

Motivos diversos me levaram a ser um viajante de passagem por Santiago do Chile: família, estudos, trabalho... No final dos anos 80 e no correr dos 90 do século passado tive a oportunidade de caminhar diversas vezes pelo centro velho de Santiago, com uma máquina fotográfica na mão e sem idéia nenhuma na cabeça, que não fosse esticar as pernas, tomar cafés e *nectars* nos bares que encontrasse; dobrar esquinas e comer *mote con huesillo*. Seguir caminhos por mim desconhecidos pelo simples prazer de ver-onde-vai-dar. Conversando com toda a espécie de gente com qual me deparava fui criando uma afeição particular pelo lado velho da cidade.

Lugares que fervilham com pernas e carros apressados numa disputa corpo a corpo contra o relógio, e outros que são tão calmos como se tivessem perdidos no tempo e no espaço.

Esta experiência descompromissada me proporcionou conhecer e reconhecer uma variada gama de personagens que, de uma forma ou outra, ficaram de fora do crescimento econômico tão alardeado por setores da economia chilena, latino-americana e mundial. Velhos, jovens, mendigos, trabalhadores, desocupados, ambulantes, desempregados, loucos, religiosos: *callejeros*... gente que foi se avolumando *por las calles y por las plazas del CENTRO viejo de Santiago*, em busca de dinheiro, sombra, sol, abrigo e companhia; em busca de espaço na invisibilidade instável do vai-e-vem das ruas.

No final dos anos de chumbo as ruas do centro velho de Santiago eram locais de passagem para a massa de transeuntes. Era tolerada a presença vigiada de loucos, cegos e desvalidos, gente que não tinha onde ir e por misericórdia tinha “direito” de ficar *por la calle*. Um comércio informal em volta do Mercado Mapocho, das igrejas e das estações de ônibus e metrô resistiu pela tradição dos pontos. O fato de se tocar um instrumento musical na rua por alguns trocados poderia levar seu praticante a cadeia. A rua era controlada. Não era permitido aglomerações, salvo em lugares de exceção, como a *Plaza de Armas*, onde a expressão artística popular era permitida.

No correr dos anos, com o amadurecimento do regime democrático, os desempregados e desocupados paulatinamente passam a se fazer presente em maior número circulando e ocupando espaços pelas *calles*, pelos bares e caminhos. Vários tipos de vendedores de bugigangas, quinquilharias, revistas velhas e coisas aparentemente sem valor começam a se estabelecer pelas ruas marginais, ao borde do centro.

O tempo passa rápido e ao final dos anos 90 esta população se multiplica, além dos velhos personagens surgem camelôs de produtos importados, papeleiros, catadores, mendigos, pedintes vários e uma nova leva de gente de rua a recompor a paisagem do centro de Santiago. Ainda que o perfil da arquitetura da cidade mantenha a sobriedade de sempre, a nova paisagem humana reflete uma realidade terceiro mundista que antes passava desapercibida.

As fotos, quase sempre mediadas por uma tentativa de aproximação, vão do puro documental, acidental, ao retrato conquistado e consentido. O uso abusivo das lentes angulares acabam por revelar uma tentativa de contextualizar “homem” em seu meio ambiente urbano.

Não é um trabalho típico de antropologia visual, pois trata-se antes do ato sistemático de fotografar as pessoas pelos arredores do centro de Santiago, caminhando do Mapocho à Sto Domingo, da Panamericana à Plaza Itália, num livre perambular descobrindo lugares, paisagens e encontrando esta gente *de la calle*, que em sua existência cotidiana ocupam um espaço na paisagem urbana do centro antigo de Santiago. A situação de viajante não permitiu que houvesse a convivência e a interação necessária para uma descrição mais densa das pessoas fotografadas, que não fosse a eminentemente fotográfica.

De fato, a totalidade das imagens parece nos remeter a um recorte de cunho mais sociológico. Olhando em retrospectiva o conjunto de fotos que registraram estes passeios, elas sugerem uma espécie de crônica sobre esta população, uma crônica que aponta para os limites do neo-liberalismo na América Latina, pois retrata uma população que, de uma forma ou de outra, esta a margem deste crescimento econômico marcado pela desigualdade. O conjunto das fotografias retrata este processo.

Durante dez anos foram batidas várias centenas de fotos, sendo que dessas selecionou-se inicialmente 36 para dar conta deste universo. A disposição do material segue uma ordem entre o cronológico e o peripatético, refletindo a recorrência dos caminhos que tomei durante todo este trabalho. Neste sentido dividi o material em 4 eixos:

- **PATI-PERRO POR LAS CALLES:** Fotos captadas pelos diversos caminhos que constituíram a cartografia social do trabalho.
- **LAS ARMAS DEL PUEBLO DE LA PLAZA DE ARMAS:** Imagens registradas nas cercanias da praça que retratam o principal espaço estabelecido de manifestação popular.
- **MIRANDO EL MAPOCHO:** Fotos captadas ao redor do Mercado Mapocho apresentando o ambiente tradicional do mercado central de Santiago, local de resistência da cultura popular chilena.
- **POR TOMAR-SE EL PRESENTE:** Imagens finais que apresentam os novos personagens da cena urbana santiaguina.

Se juntarmos algumas informações sobre a economia chilena no período veremos que o Chile, tido no início da década de 90 como um exemplo de economia bem sucedida, logo após o governo Pinochet, chegou no correr dos anos a ter um índice de desigualdade social comparável ao Brasileiro, sendo um dos piores da América Latina.

Em certo sentido, pode-se dizer que esta exposição, mais do que um ensaio sócio-antropológico sobre a sociabilidade urbana, é uma reflexão crítica em fotografia sobre o neo-liberalismo na América Latina, o que pode ser sintetizado na foto do cartaz onde cego toca violão diante da fachada de um banco. Quando a foto se desenhou foi como se população de baixa renda, a classe média passante e o capital internacional evidenciassem de forma sutil sua peculiar hierarquia.

Mas, ainda que se possa aprofundar este recorte crítico e sociológico, buscar os dados que “comprovem a tese”, o conjunto destas fotos não se limita ao exercício científico, pelo contrário.

A discursividade das fotografias transcende os limites do acadêmico ao tocar a existência destes seres humanos.

O que a exposição **SANTIAGO: HASTA EL CENTRO POR EL BORDE** nos trás é o registro assistemático da silhueta viva dos personagens que deram vida e sabor a paisagem urbana do centro de Santiago num determinado período. No fundo são apenas fotos de gente simples, num olhar enviesado, distorcidas pelas bordas vorazes de uma lente angular, com toda a força e a fraqueza que elas tem.

Conheci Santiago em dezembro de 1988, alguns meses após o povo chileno dizer “NO” a ditadura de Pinochet. Por dez anos tive a oportunidade de acompanhar a evolução do processo democrático chileno.



No início meu olhar se deteve nos variados tons de cinza do centro velho de Santiago.



Ato contínuo me vi caminhando e fotografando *pati-perro por las calles*, como dizem os chilenos.

Me chamava a atenção o fato destas ruas, tão cheias de gente, ...



... não se constituírem num espaço de convivência e sociabilidade.



Em pouco tempo descobri que os anos de ditadura transformaram as ruas num mero local de passagem.



Manifestações, aglomerações e reuniões de qualquer tipo não eram toleradas.

Nesta época, em que o “golpe” ainda era barato, o Chile era considerado um exemplo bem acabado de economia neo-liberal a ser seguido pelos outros países da América Latina.



No entanto, este modelo econômico gerou níveis de desigualdade social similares ao brasileiro (o maior da Am.Lat. de então).



Esta população excluída do processo produtivo se via a margem do propalado crescimento econômico chileno. A ela restavam poucas alternativas ante um parque produtivo sucateado.



A população marginalizada era policiada e afastada dos espaços públicos centrais. Salvo algumas exceções, procurar sustento pelas ruas do centro de Santiago era motivo de repressão.

Apenas os desvalidos e alguns loucos de rua ...



... gente que não tinha a onde ir, era tolerada, por piedade, nos passeios públicos.



Mas havia também lugares de exceção, ...



... refúgios para a expressão artística popular, ...

... ou simples ponto de parada e descanso.



O principal deles era a *Plaza de Armas*.





Da mesma forma as igrejas e os mercados resistem como centros de convivência e sociabilidade, pela força da tradição.

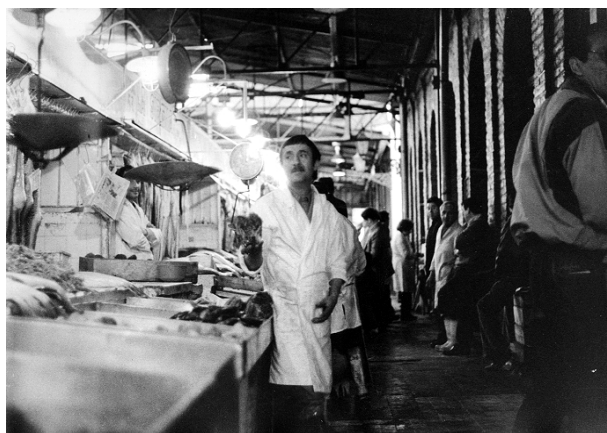


O Mercado Mapocho é um caso a parte.

Sob seu teto e ao redor dele ...



... podemos encontrar uma síntese da cultura do povo chileno.



Nele as pessoas comem e compram, riem e choram.



Em fim, são mais soltas e espontâneas.

Há espaço e tempo para “el chiste”



... e para “los mariscales”.



Com o correr dos anos de democracia, e a cicatrização das feridas da ditadura, ...



... a população marginalizada passa a ocupar paulatinamente ...

... os “vazios” das ruas públicas ...



... na busca de alternativas de sustento, ...



... trazendo elementos novos para esta paisagem urbana.

